

FONTE : JB

CLASS. : 33

DATA : 29 12 89

PG. : 05

Funai estima que há no país 48 grupos de índios arredios

Arquivo

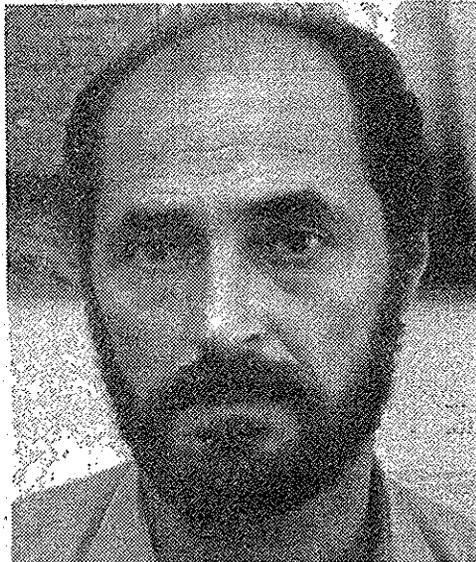
Ronaldo Brasiliense

BRASÍLIA — Quase 500 anos após o descobrimento do Brasil pelo navegador português Pedro Álvares Cabral, ainda há no país 48 grupos indígenas não contactados, vivendo primitivamente na floresta, andando nus, sobrevivendo da caça e pesca e, cada vez mais, embrenhando-se na mata para fugir da companhia do homem branco. A Funai tem projeções que revelam 82 pontos do território nacional com informações sobre a presença de índios arredios, inclusive no Distrito Federal, onde há fortes indícios sobre a existência de indivíduos da etnia Avoé Carvoeiro, morando próximo à Capital Federal.

“São índios que já tiveram algum tipo de enfrentamento com a nossa sociedade e buscam a sobrevivência em lugares distantes dos centros povoados”, afirma o sertanista Sidney Possuelo, de 48 anos, chefe da Coordenadoria de Índios Isolados da Funai. Levando na bagagem 34 malárias e o privilégio de ter feito contato com sete grupos indígenas isolados nos 24 anos que atua nas frentes de contato, Possuelo aponta a garimpagem, a construção de rodovias e hidrelétricas e os projetos de colonização como responsáveis pelo deslocamento cada vez mais constante desses índios arredios para áreas inóspitas.

Fronteira — Atualmente, Sidney Possuelo acompanha com bastante atenção a Frente de Contato Rio Jordão, na fronteira do Brasil com o Peru, no Acre, num trabalho coordenado pelo sertanista José Carlos dos Reis Meireles. “Estamos tentando contato com esses índios, de etnia desconhecida, que vivem nos dois lados da fronteira”, revela Possuelo, que mostra a existência de guerras tribais entre grupos isolados na disputa de espaços geográficos que lhes garantam a sobrevivência.

Ao longo das duas últimas décadas, Sidney Possuelo já perdeu mais de 60 companheiros de trabalho — sertanistas mortos a flechadas ao tentar contato com tribos arredias. O caso mais grave, segundo ele, ocorreu no estado do Amazonas, onde 15 sertanistas foram mortos por índios uaimiri-atroari, que iniciaram uma guerra contra os homens brancos, revoltados com a construção, pelo Exército, da rodovia Manaus—Caracará. Houve mortos também no difícil trabalho de contato com os índios araras, em Altamira, no Pará, quando a rodovia Transamazônica dividiu o território indi-



Possuelo: “Barril de pólvora”

gena em duas partes. “Levamos 13 anos para fazer o contato com os índios araras”, lembra Possuelo.

Carente de recursos e material humano, a Funai não tem nenhuma frente de contato no estado do Amazonas, onde foram observados os grupos isolados mais numerosos do país. “Essas frentes de contato sempre foram feitas no interesse da sociedade e não dos índios”, critica Sidney Possuelo, mostrando que toda vez que o governo pretende construir uma rodovia, uma hidrelétrica ou mesmo criar um projeto de colonização, a Funai é acionada para fazer o contato com os índios isolados, muitas vezes sem tempo disponível para executar um trabalho a contento.

“Todo projeto econômico tem cronograma de tempo e nós nunca sabemos como seremos recebidos por esses índios”, alerta Possuelo. “Geralmente, o índio nos recebe mal por causa de fatos passados, pois já foi atacado ou contagiado por doenças do branco”, acrescenta. Sidney Possuelo participou do primeiro contato com os índios krenhakrores, atuando como auxiliar dos irmãos sertanistas Orlando e Cláudio Villas-Boas e, também, do contato com os índios suruis, assessorando o sertanista Francisco Meirelles. “Trabalhamos sobre um barril de pólvora pois forças poderosas pressionam a Funai em todos os níveis”. garante.